

# Fragmentos de um discurso urbano

Jorge da Cunha Lima

Toda nação, quando se desenvolve, acaba confundindo o desejo nacional com alguma cidade que, no decurso do tempo e na geografia, passa a significá-la.

No Brasil emergente do século XVII, já adentrando o *otocento*, essa cidade foi Salvador, valhacouto de todos os deífrios, tão bem demarcada pelo verbo de Vieira quanto pelo verso irreverente de Gregório de Matos. No século XVIII, confundindo-se com o anseio de cidadania e de liberdade, representando mesmo uma sociedade marcadamente urbana e estruturada, Ouro Preto foi nossa primeira metrópole. No século XIX, já no fim deste e avançando pelo XX, o Rio de Janeiro emplacou um cosmopolitismo político e literário do qual sobraram os romances de Machado e um belo traçado urbano.

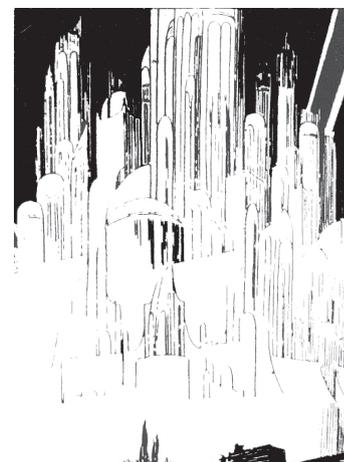
São Paulo surgiu de sua destruição. É a metrópole do século XX, não porque aqui tenha metrô, mas porque aqui se amalgama o desejo. Desde o começo do século até os anos 70, São Paulo já havia demolido e reconstruído o equivalente à massa esfacelada por duas bombas de Hiroxima. São Paulo tem que ser voluptuosamente igual a si mesma. Renova-se a cada moda, qual um Hamlet que fosse pautado pelo pessoal da "Ilustrada". Concebe-se, nas paragens mais vulgares, com o rigor de uma interpretação cebrapiana da realidade.

São Paulo corresponde sempre ao que precisa retribuir, por isso é tão oferecida ao peregrino. Vejamos.

O japonês humilde que se esmera em dedicação escolar, em economias, em hábitos recatados, comedor escondido de peixe cru, acreditando que o Japão ganhou a guerra, teve uma paciência oriental. Em São Paulo, um dia, décadas depois, vence todos os vestibulares, organiza empresas extremamente eficazes e faz do *sushi* um líder de audiência, um verdadeiro *kibe* das elites.

O italiano carcamano ou industrial de fundo de quintal edifica na Paulista ou mesmo na Mooca as mais sedutoras fachadas florentinas. Nos ensina a volúpia das volutas e das escadarias de mármore. Torna-se em São Paulo um comendador feliz, austero e reacionário ou um conde com o qual se agrada de sentar-se à mesa até o presidente da República. Da mesma forma se alegam em romantismos sonoros os donos de cantina que nos servem com a massa inesquecível algumas *canzonne* duvidosas.

Os nordestinos, ah! os nordestinos. Uma vez o Plínio de Arruda Sampaio me disse que em todas as suas andanças pela periferia nunca encontrou nenhum, por mais miserável que fosse a sua situação, desejoso de abandonar São Paulo. Em verdade, aqui a gente pode ver avião no aeroporto, pode ver a Soninha Braga andando na calçada, pode virar dono da Votorantim, pode ser prefeita, pode fazer o maior hipermercado do mundo, pode virar presidente, pode ir ao Ibirapuera, ao *Play Center*, ao comércio das diretas, ou, mais modestamente, aqui a gente pode arranjar emprego. "Culto como o Fernando Henrique eu nunca vou ser, mas eu posso ficar rico como o Olavo Setúbal, estou até vendendo umas apólices de seguro, nas minhas folgas", disse um cabo da PM a um professor da USP que estava dando um curso sobre a Luz Cultural (transformação de um bairro).



**JORGE DA CUNHA LIMA** é escritor, bacharel em Direito, ex-Secretário da Cultura do Estado, ex-presidente da Fundação Cásper Líbero, e diretor da Adex Propaganda.



Avenida São João, centro; foto de 1981

Uma das fontes do desejo é você saber que pode um dia vir a ser alguém. E esse é o segredo das metrópoles. Esse é o segredo de São Paulo. E o ser alguém tem tantas faces quanto o sonho. Em Nova York essa dimensão é genialmente dada pelo *Chorus Line*, cada homem é um caçador da própria performance. Do *midnight cowboy* a Andy Wharol, a Donald Trump, a Jacqueline Kennedy, todos cultivam o desempenho e o reconhecimento, evidentemente.

Em São Paulo, começa-se por cultivar a sobrevivência, porque essa selva é estruturalmente de pedra, mas uma sobrevivência com utopias internas.

Ninguém vive e trabalha em São Paulo para se castigar nas filas, no trânsito, na poluição, na desmoralização, na violência. O quadro da felicidade está bem emoldurado. Basta olhar para ver. Basta desejar para tentar. E todos acreditam que um dia a cidade oferecerá a sua oportunidade particular.

São Paulo é um pequeno país muito rico e, ao mesmo tempo, um grande país muito pobre. Essa proximidade tem as conotações sutis de um muro de Berlim sociológico, ultrapassado o

---

qual, por sagacidade ou sorte, se pode chegar lá. Todo mundo imagina que grandes coisas estão ao seu alcance, coisas ou destino, desde que se viva em São Paulo. Essa é a primeira condição para se encontrar a arca perdida. Por causa dela se esquecem das arcas trazidas, malas de couro das Bahias remotas, pois aqui tudo se calandra de novo. São Paulo é mais nordestina do que Fortaleza, mas paulistanamente. E da mesma forma é mais japonesa, mas de um Japão que produz porta-bandeira de escola de samba. São Paulo é mais libanesa, mas de um Líbano nostálgico e pré-diluviano. São Paulo é mais portuguesa, mas de um português que pensa que o sotaque é deles. "A língua é nossa, o sotaque é vosso...", disse-me uma vez o Saramago, que evidentemente não mora aqui.

Não vamos imaginar que São Paulo seja uma democracia racial. Isso é besteira. Mas São Paulo tem um estilo de convivência universal, muito adequado aos pressupostos éticos e políticos que devem nortear a sociedade pós-industrial, e a convivência étnica no século XXI. E nesse ponto, o ser alguém que impulsiona o desejo é ser alguém num contexto que o aceite e assimile. O velho Jeremias Lunardelli começou a vida carpindo numa fazenda de café, nunca se alfabetizou, mas acabou sendo, na velhice, a única pessoa com quem Assis Chateaubriand tinha realmente prazer em conversar.

Se Amador Bueno não quis ser rei, Amador Aguiar quis e foi, alguns séculos depois. Roberto Carlos também. Pelé também. Ayrton Senna, pudicamente, também.

O segredo de uma metrópole é que a soma dos problemas é sempre relativamente proporcional à soma das soluções. New York já viveu uma crise terrível, bastou que um prefeito inspirado relembresse aos interessados a sua condição de metrópole para recuperar-se. Inviável, sempre, é a pequena cidade com pequenos problemas. As cidades não se deterioram pela falta de esgoto, de asfalto, de arborização. Elas se deterioram quando deixam de corresponder ao desejo. Cidade é uma coisa real que se sustenta na utopia. Dessa utopia transformada em desejo, resultam as soluções fiscais, administrativas, técnicas e culturais. Faria Lima só se tornou um grande prefeito quando percebeu que tinha que acrescentar uma flor à sua pá de pedreiro. Poucos políticos e poucos urbanistas têm aproveitado essa sinalização. Há situações sociais que só se cristalizam atrás ou a partir de uma certa infra-estrutura. Pois eu digo que há soluções de infra-estrutura que só são realizáveis como decorrência de uma emulação. A paixão torna-se, dessa forma, um componente indispensável da administração pública de uma metrópole e até mesmo de seus projetos urbanísticos.

A metrópole, em seu estágio maduro, só pode ser entendida como um momento cultural. Dessa forma, o confronto da tecnocracia com a cultura nas metrópoles torna-se uma luta mais constante e acirrada do que a própria luta de classes. Tem mecanismos internos. O imperador Marco Aurélio teria sido um bom prefeito de São Paulo, melhor do que Prestes Maia, porque ele foi um codificador dos significados essenciais. Para ele a largura de uma rua era menos importante do que a sua perspectiva. Roma confundia-se igualmente com um acervo de leis, esculturas, hábitos e gestos. Roma tornou-se imortal pelo seu significado, embora o traçado se tenha convertido em camada arqueológica. Roma tornou-se imortal por sintetizar um desejo, desejo que não era confirmado apenas pelo atestado de residência, mas que acompanhava o seu titular em qualquer parte do mundo – a cidadania romana.

Em São Paulo, a dimensão do debate também deve ser esta, não importa saber se os túneis do Jânio Quadros são a expressão de um negócio ou de necessidade, mas saber no que esta cidade pode ser a força simbólica e real da transformação da sociedade. Eu pude perceber isso em dois momentos, dos quais participei pessoal e intensamente, o Tombamento dos Jardins e o Comércio das Diretas. Embora de natureza diversa, os dois fenômenos são exemplares. O Tombamento significou um basta à barbárie especulativa, à predação irresponsável, e, por simbólico, transformou-se em advertência. Embora o Tombamento tenha uma fronteira delimitada na lei, ninguém mais ousou derrubar árvores noutros bairros não-tombados. O Pacaembu, o Alto de Pinheiros, o Parque Ecológico, o Ibirapuera, o Horto, a Casa Modernista tornaram-se simultaneamente intocáveis. E o grande fiscal de tudo isso foi o cidadão comum, paulistanamente solidário.

O Comércio das Diretas significou um basta à barbárie institucional, embora suas consequências jurídicas só tenham se consumado tempos depois. Só a cidade-símbolo emana desejos universais. Depois de São Paulo, o anseio das diretas e o show cívico propagaram-se irresistivelmente. Cada cidade, cada vilarejo, cada esquina repetiu e repercutiu o orgasmo civil. A nação acordou de um torpor aquartelado a partir de então, a partir de São Paulo.

As coisas mais simples também acontecem da mesma forma. Um jeans, uma camiseta, um aperitivo, uma calota de automóvel, uma lambada. Tudo o que se canoniza na metrópole torna-se moda e modelo.



Parque D. Pedro II (1918-22)

Por isso mesmo uma metrópole deve corresponder a uma civilização e não a uma infiltração. Ela não pode apenas crescer ou inchar. É uma cultura de pedra, mas que deve deixar espaço para a carne e a natureza.

O grande risco de uma cidade como São Paulo já estava contido na advertência poética do Boca do Inferno, a Salvador do esbórnio colonial, atormentada pela corrupção política, pela tirania do poder central, pela violência urbana, pela paixão inculta, pela retórica genial, mas intransitada, de Vieira.

São Paulo está nos limites de ver o desejo inspirador se transformar na paixão incontida. A luta pela sobrevivência das maiorias e a ganância especulativa dos privilegiados, vão gerar um contexto de insurreição, não ideológico, mas social e de proporções incontrolláveis. A violência urbana, o crime fútil e a impunidade jurídica liberaram trombadinhas e colarinhos-brancos para o hábito de delinqüir. Da mesma forma que Bogotá é o cenário habitual do terrorismo entorpecente e o Líbano do terrorismo político, São Paulo é o pasto do seqüestro institucionalizado, com rendimentos estáveis como o de uma caderneta de poupança. A civilização está cedendo lugar à convulsão.

Em Ouro Preto, a civilização foi pendurada numa corda para que as virtudes urbanas da cidadania não contaminassem a nação com o "execrável" vírus da liberdade. O Rio de Janeiro não soube concretizar o ideário republicano adaptando-o às necessidades da vida e do desenvolvimento.

São Paulo tem uma oportunidade única no cenário mundial. É a maior metrópole do hemisfério sul. Surgiu de uma absoluta ausência de passado. Em toda a dimensão da comarca, só há uma única edificação colonial de porte, o Convento da Luz. Setenta por cento de todo o dinheiro não têm mais de 20 anos. Apenas 20% das edificações têm mais de 50 anos. Une, reúne e compatibiliza todas as etnias, formando delas uma nova raça. Produz valores que representam a sociedade e os divulga. Tem uma cultura latente e responde a impulsos com velocidade. É solidária na alegria, não apenas na Aids.

Corremos riscos.

Da miséria antecipar-se ao apogeu. Dos bens serem sonogados demais aos que os merecem. Da justiça ser feita com as próprias mãos. Do traçado ser tragado. Do todo ser menor que o tudo. Dos números serem mais fortes do que as palavras. Da TV ser mais quente do que a tela. Da vida ser mais frágil do que a morte. Do preconceito ser mais determinante que o tesão. Do julgamento prevalecer sobre a misericórdia. Da ordem prevalecer sobre a liberdade. Do caos ser mais freqüente que a harmonia. Da razão substituir a beleza. Do desejo transformar-se em ódio.